

**CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG**  
**GABRIELLA CRISTINA SARTORI**

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: PRAÇA EM TUPÃSSI-PR:  
CONSTRUINDO A IDENTIDADE DA CIDADE**

**CASCABEL**

**2017**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG**  
**GABRIELLA CRISTINA SARTORI**

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: PRAÇA EM TUPÃSSI-PR:  
CONSTRUINDO A IDENTIDADE DA CIDADE**

Trabalho de Conclusão do Curso de  
Arquitetura e Urbanismo, da FAG,  
apresentado na modalidade Projetual, como  
requisito parcial para a aprovação na  
disciplina: Trabalho de Curso: Qualificação.

Professor Orientador: Camila Pezzini

Professor coorientador: Mariana Melani  
Drabik

**CASCADEL**

**2017**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG**  
**GABRIELLA CRISTINA SARTORI**

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: PRAÇA EM TUPÃSSI-PR:  
CONSTRUINDO A IDENTIDADE DA CIDADE**

Trabalho apresentado no Curso de Arquitetura e Urbanismo, do Centro Universitário Assis Gurgacz, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo, sob a orientação da Professora, Arquiteta e Urbanista Camila Pezzini e coorientação da Arquiteta e Urbanista Mariana Melani Drabik.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Camila Pezzini  
Centro Universitário Assis Gurgacz  
Professora e Arquiteta e Urbanista

---

Mariana Melani Drabik  
Centro Universitário Assis Gurgacz  
Arquiteta e Urbanista

---

Isadora Dupont  
Centro Universitário Assis Gurgacz  
Professora e Arquiteta e Urbanista

Cascavel/PR, 23 de Maio de 2017

## **RESUMO**

O presente trabalho insere-se na linha de pesquisa Projetos de Arquitetura e Urbanismo no grupo de pesquisa INPAI – Intervenções na Paisagem Urbana, do Centro Universitário Faculdade Assis Gurgacz - FAG. O assunto tratado é sobre a construção da identidade da cidade de Tupãssi através de uma praça que transmita a cultura e costumes de sua população. A pesquisa teórica iniciou-se a partir do seguinte inquérito: A construção de uma praça como marco histórico, pode influenciar na criação da identidade de uma cidade? Partindo da hipótese inicial de que de que um local bem projetado, embasado na história local, costumes e necessidades da população, a ideia do marco aconteceria como consequência. O trabalho tem como objetivo geral a associação da arquitetura, do paisagismo e de conhecimentos históricos, constituir um lugar que sirva de orientação para a cidade. Para metodologia de estudos desse trabalho foi utilizado a de referências bibliográficas, que fomenta a pesquisa através de arquivos publicados, coleta de dados e o método da dialética dando suporte teórico para comprovar a problemática de que um local simbólico pode influenciar na identidade da cidade.

**Palavras-chave:** Praça. Identidade da Cidade. Praça Contemplativa. Praça Sensorial.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|                                                                        |    |
|------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1: Praça da República de Recife.....                            | 16 |
| Figura 2: Praça da República em São Paulo.....                         | 17 |
| Figura 3: Saída Art Nouveau do metrô em Paris.....                     | 19 |
| Figura 4: Luminária Calle Ferran em Barcelona.....                     | 19 |
| Figura 5: Abrigo de ônibus no Leblon, projeto Rio-Cidade.....          | 20 |
| Figura 6: Telefone público, projeto Rio-Cidade.....                    | 20 |
| Figura 7: Praça Sowwah.....                                            | 27 |
| Figura 8: Sowwah Square.....                                           | 28 |
| Figura 9: Análise da implantação da Sowwah Square.....                 | 29 |
| Figura 10: Vista do mobiliário na Praça Sowwah.....                    | 30 |
| Figura 11: Vista do paisagismo na Praça Sowwah.....                    | 30 |
| Figura 12: Paisagismo na Praça Sowwah.....                             | 31 |
| Figura 13: Detalhamento do mobiliário da Praça Sowwah.....             | 32 |
| Figura 14: Jardins da Pampulha – BH.....                               | 33 |
| Figura 15: Sítio Santo Antônio de Bica na Barra de Guaratiba – RJ..... | 33 |
| Figura 16: Sítio Santo Antônio de Bica na Barra de Guaratiba – RJ..... | 34 |
| Figura 17: Casa de Burle Marx no Sítio de Santo Antônio de Bica.....   | 34 |
| Figura 18: Capela do Sítio de Santo Antônio da Bica.....               | 35 |
| Figura 19: Ateliê do Sítio de Santo Antônio da Bica.....               | 36 |
| Figura 20: Jardins Butchart no Canadá.....                             | 37 |
| Figura 21: Jardins Butchart no Canadá.....                             | 37 |

## SUMÁRIO

|                                                                    |           |
|--------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>                                          | <b>7</b>  |
| <b>2 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS NOS FUNDAMENTOS ARQUITETONICOS..9</b>   |           |
| 2.1 NA HISTÓRIA E TEORIAS .....                                    | 9         |
| 2.2 NAS METODOLOGIAS DE PROJETOS .....                             | 10        |
| 2.3 NO URBANISMO E PLANEJAMENTO URBANO .....                       | 11        |
| 2.4 NA TECNOLOGIA DA CONSTRUÇÃO .....                              | 12        |
| <b>3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E SUPORTE TEÓRICO .....</b>             | <b>14</b> |
| 3.1 O ESPAÇO PÚBLICO .....                                         | 14        |
| 3.2 AS PRAÇAS .....                                                | 15        |
| 3.2.1 Mobiliário Urbano.....                                       | 18        |
| 3.3 A IMPORTÂNCIA DO PAISAGISMO NA CONCEPÇÃO DE ESPAÇOS .....      | 21        |
| 3.4 A ARQUITETURA NA CRIAÇÃO DA IDENTIDADE DA CIDADE .....         | 22        |
| 3.4.1 Arquitetura Simbólica .....                                  | 23        |
| 3.5 JARDINS SENSORIAIS .....                                       | 25        |
| 3.5.1 Os Sentidos Humanos .....                                    | 26        |
| <b>4 CORRELATOS.....</b>                                           | <b>27</b> |
| 4.1 Praça Sowwah .....                                             | 27        |
| 4.1.1. Análise Funcional e Ambiental .....                         | 28        |
| 4.1.2 Análise Formal .....                                         | 29        |
| 4.1.3 Análise Técnica.....                                         | 31        |
| 4.2 OS JARDINS DE BURLE MARX.....                                  | 32        |
| 4.2.1 Sítio Santo Antônio de Bica na Barra de Guaratiba – RJ ..... | 33        |
| 4.2.2 Os Jardins de Butchart .....                                 | 36        |
| <b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                                | <b>38</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>                                           | <b>40</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como tema a construção de uma praça para cidade de Tupãssi no Paraná, onde o assunto se desenvolve com estudos sobre a importância desses espaços para as cidades, e como eles podem interferir na construção da identidade urbana através de um bom planejamento paisagístico e arquitetônico. O tema se insere no grupo de pesquisa INPAI – Intervenções na Paisagem Urbana de Arquitetura e Urbanismo.

Através de pesquisas sobre a história das cidades e como ela acontece, nota-se a importância da história da praça no desenvolvimento da identidade das cidades, este fato, então, compõe o objetivo da pesquisa, que prevê um local visível e frequentado para o marco da cidade. Um marco histórico tem como função, ser o ponto de referência externo de uma cidade, onde o observador não entra nele, mas o contempla. Se torna singular através de sua localização espacial, ou também pela sua atividade. Busca-se então, com a associação da arquitetura, do paisagismo e de conhecimentos históricos, constituir um lugar com essências, costumes e valores de forma a criar um ambiente para se impregnar de memórias e significado, criando uma orientação à todos que passam por ele e pela cidade.

O problema que estimulou a pesquisa é: **A construção de uma praça como marco histórico, pode influenciar na criação da identidade de uma cidade?** Partindo da hipótese de que um local bem projetado, embasado na história local, costumes e necessidades da população, a ideia do marco aconteceria como consequência. O visual impactando e emocionando as pessoas, atingiria o objetivo de marcar, remetendo à imagem quando lembrados. Esse é o ponto de partida para a criação da identidade da cidade, algo que faça sua imagem aparecer através de um símbolo.

Os objetivos específicos são: (I) Fichamento dos quatro pilares da arquitetura: Fundamentos de História e Temas, Fundamentos de Projetos, Fundamentos de Tecnologias e Fundamentos de Urbanismo e Planejamento Urbano e Regional; (II) Fundamentar Praça; (III) Explicar sua importância; (IV) Abordar valores do paisagismo na constituição do projeto; (V) Salientar sua importância na constituição da imagem da cidade; (VI) Concluindo, em resposta ao problema da pesquisa, como esses elementos irão validar a proposta inicial. A pesquisa se sustentará em torno dos seguintes Marcos Teóricos:

No processo de orientação, o elo estratégico é a imagem ambiental, o quadro mental generalizado do mundo físico exterior de que cada indivíduo é portador. Essa imagem é produto tanto da sensação imediata quanto da lembrança de experiências passadas, e seu uso

se presta a interpretar as informações e orientar a ação. A necessidade de reconhecer e padronizar nosso ambiente é tão crucial e tem raízes tão profundamente arraigadas no passado, que essa imagem é de enorme importância prática e emocional para o indivíduo (LYNCH, 1980).

A terra natal dificilmente sai da memória das pessoas. O lugar onde se nasceu, a casa em que morou, o local das brincadeiras de infância, a pracinha da cidade com seus recantos para encontros fortuitos, são lembranças que não se apagam com o tempo. Tais reminiscências parecem que fazem parte do imaginário coletivo. É um referencial uma vez que faz parte no processo de construção do patrimônio cultural da sociedade (LIRA FILHO, 2001).

“O edifício sempre significa alguma coisa para a sociedade: uma igreja simboliza a religiosidade, um tribunal simboliza a ordem jurídica, uma habitação, sua privacidade e proteção; enfim, o edifício, além de abrigar uma atividade, também a representa para a sociedade. Esta outra função chama-se função semântica (a semântica estuda a relação entre os objetos e seus significados).” (COLIN, 2000)

Na realização desta pesquisa foi utilizada a metodologia e análise de referências bibliográficas, que confere à pesquisa em toda bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. É considerada o primeiro passo de toda pesquisa científica (LAKATOS, 1992). Podem ser utilizados, na coleta do levantamento de dados, a pesquisa documental, pesquisa bibliográfica e contatos diretos (MARCONI; LAKATOS, 2003).

No método da dialética, analisamos as coisas de forma a estar em movimento, nunca acabada, sempre se transformando, desenvolvendo, e quando encerra um processo, outro de inicia. No entanto, nada existe isoladamente, mas sim como um todo. A natureza e a sociedade se interligam entre si, dependendo uma da outra, e ao mesmo tempo condicionando-se reciprocamente (MARCONI; LAKATOS, 2003).

Finalizando, o projeto é uma das etapas componentes do processo de elaboração, execução e apresentação da pesquisa. Também deve ser planejado rigorosamente, pois ao final há diversos dados colhidos, e deve-se saber ordenar todas as informações para que haja um entendimento. Em uma pesquisa nada se faz ao acaso. A escolha do tema, objetivos, determinação da metodologia, coleta de dados, análise e interpretação para elaboração da análise final, tudo é previsto no projeto de pesquisa (MARCONI; LAKATOS, 2003).

## 2 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS NOS FUNDAMENTOS ARQUITETONICOS

Neste capítulo serão abordadas as relações do tema de pesquisa com as teorias que serviram de embasamento no desenvolvimento do trabalho. Elas estão divididas em 4 pilares: História e Teorias, Metodologia de Projetos, Urbanismo e Planejamento Urbano e Tecnologia da Construção.

### 2.1 NA HISTÓRIA E TEORIAS

Dias (2005, p.29) relata que “a arquitetura surgiu com o nascimento das primeiras cidades. As duas são quase sinônimas. A arquitetura adornou as ruas e as praças das cidades desde tempos antigos e as duas surgiram como um todo orgânico.” De acordo com Dias (2009, p.1) a História da Arquitetura é a história de como o homem construiu seu abrigo, abrangendo toda a história da civilização, tendo o poder de nos emocionar, nos elevar ou diminuir.

Em seus primeiros indícios no Egito, local povoado de múmias, reis-deuses, ela aparece ostentando sua beleza, enquanto outros povos ainda viviam em estado pré-histórico (CARVALHO, 1964, p.37). Sua evolução aconteceu através de diferentes estilos, como gótico, barroco, neoclássico e outros, transpondo uma cultura e o período vivido. Na Mesopotâmia, por exemplo, desenvolveu-se casas de junco e argila, mas já em 5.000 a.C. tinham conhecimento sobre tijolo e pedra. As culturas utilizavam de materiais que estavam disponíveis em sua região, e assim desenvolveram técnicas para os aperfeiçoá-los. Um fator marcante na história da arquitetura foi o desejo de ostentação, lugares que proporcionassem orgulho e status ao povo, grandes palácios que simbolizassem poder (DIAS, 2005). Filho (2001, p.95) afirma que no cenário da Segunda Guerra Industrial houveram tendências de rompimento com o passado, onde surgiu o Realismo, estilo que propõe “o Belo é verdadeiro.”

No século XIX surge o movimento moderno, que propunha uma nova relação entre o homem e a arquitetura, que gerou vertentes como o purismo, o neoplasticismo, o movimento da Bauhaus e o construtivismo soviético. O movimento objetivava a construção de um novo mundo, em resumo acreditavam nessa simplificação ‘solidez + utilidade = beleza’. Em consequência surge o pós-modernismo que rejeita os princípios do modernismo (DIAS, 2008.1). Nesse período há uma preocupação entre a harmonia da arquitetura com a paisagem, deixando de tratar o edifício como uma peça independente (DIAS, 2005).

Para Colin (2000, p.99) as críticas em relação ao pensamento moderno, provocaria uma reorientação onde projetistas dariam atenção a aspectos como a simbologia dos espaços criados, cultura e tradição da região, e a psicologia do local atendido. Lynch (1960, 1972, 1976 E 1981 apud Del Rio, 2001, p.40) “Lynch não exatamente criticava o Modernismo, mas chamaria a atenção para novas categorias de análise e atuação sobre a forma urbana ao introduzir a participação maior do usuário através da investigação no campo da psicologia [...]”

Colin afirma que para a construção de um espaço, é necessário que a sociedade precise dele, que ele cumpra uma função. Ele afirma que além de cumprir sua atividade, o edifício sempre acaba tendo um significado para a cidade, pode ser ele religioso, jurídico e etc. esta função se chama função semântica, que é a relação entre os objetos e seus significados (COLIN, 2000, p.27). Para Zevi (1996, p.66) quando se falta uma inspiração original em épocas ecléticas, os arquitetos buscam orientações nas formas do passado.

## 2.2 NAS METODOLOGIAS DE PROJETOS

“A fase inicial de qualquer processo de projeto é o reconhecimento de uma condição problemática e a decisão de se encontrar uma solução pra ela. O projeto é, acima de tudo, um ato deliberado, um empreendimento propositado. Um projetista deve primeiro documentar as condições existentes de um problema, definir seu contexto e levantar dados importantes para serem analisados e assimilados. Essa é a fase crucial do processo projetivo, já que a natureza de uma solução está inexoravelmente relacionada a maneira como o problema é percebido, definido e articulado. Piet Hein, o notável poeta e cientista dinamarquês, expressa a questão da seguinte maneira: ‘A arte consiste em resolver problemas que não podem ser formulados antes que tenham sido resolvidos. A formulação da questão constitui parte da resposta.’ (CHING, 1999)

Segundo Mascaró (2008, p.15) paisagem é todo espaço que abrange o olhar, que se materializa num espaço natural e ecológico (antes da intervenção do homem), aonde se insere elementos e construções feitos pelo homem com determinadas culturas. Chame-se também de ‘Paisagem Cultural’.

Abbud (2006, p.24) define ‘lugar’ como espaço que acolhe e convida as pessoas, local agradável que estimula a permanecer e realizar atividades como, ler, descansar, conversar ou simplesmente contemplar o entorno. Os locais públicos devem oferecer uma arquitetura com a inúmeras opções ecotérmicas, onde o indivíduo possa escolher qual a mais adequada para ele naquele momento. Por exemplo, a escolha entre o sol ou a sombra, ou sua simultaneidade (ROMERO 2001, p.217).

Segundo Mascaró (2008, p.17) a praça é um local aberto dentro da cidade, quase sempre composto de jardins. Seu espaço geralmente toma de um ou dois quarteirões, onde encontra-se rodeada de vias de circulação. Pode estar no centro, ou nos bairros, caracterizando-se de acordo com sua utilização. A presença de árvores e áreas verdes na zona urbana, proporcionam uma significativa melhoria na qualidade de vida, além de provocarem efeitos sociais e econômicos que beneficiam e valorizam a cidade (LIRA FILHO, 2001, p.39). Para Zein (2006, p.26) a escala e o caráter são dois pontos fundamentais para a elaboração do projeto paisagístico. Ter o domínio das escalas e das características do espaço são preocupações primordiais para o sucesso do projeto.

## 2.3 NO URBANISMO E PLANEJAMENTO URBANO

Segundo Harouel (1990, p.7) o termo ‘Urbanismo’ abrange uma realidade muito antiga, também conhecida como ‘Arte Urbana’, tão antiga quanto a civilização urbana, apesar de ter sido criado a pouco mais de um século. Benevolo (2009, p.23) define cidade como:

“Local de estabelecimento aparelhado, diferenciado e ao mesmo tempo privilegiado, sede de autoridade – nasce da aldeia, mas não é apenas uma aldeia que cresceu. Ela se forma, como pudemos ver, quando as indústrias e os serviços já não são executados pelas pessoas que cultivam a terra, mas por outras que não tem essa obrigação, e que são mantidas pelas primeiras com o excedente do produto total.”

Com o aparecimento das máquinas, há um despovoamento do campo, e um congestionamento das cidades, elas crescem sem formas ou planejamento. A aldeia entra em decadência, e a cidade se torna um espaço incoerente (LE CORBUSIER, 2000, p.10). O urbanismo tem o objetivo de resolver os problemas causados pelo planejamento da cidade maquinista, que surgiu quando a sociedade industrial tomou consciência dos danos causados (CHOAY, 2000, p.3).

Segundo Harouel (1990, p.8) o urbanismo atende determinadas áreas que dizem respeito à cidade, obras públicas, morfologia urbana, planos urbanos, práticas sociais e pensamento urbano, legislação e direito relativo à cidade”.

O Planejamento Urbano controla o desenvolvimento físico da cidade. Para um planejamento espacial adequado, este controle deve ser consistente, a manipulação de dados sociais, econômicos, políticos e tecnológicos feitos de forma correta, alcançara os objetivos desejados (FARRET 1985, p.11).

“Lynch desenvolveu o que intitulou uma ‘teoria para a boa forma urbana’, apresentando o que denominou ‘dimensões de performance’, ou seja, grandes valores ou metas para o Desenho Urbano que, se respeitadas e perseguidas, semeariam o caminho para ambientes urbanos de qualidade. São elas: vitalidade, senso, congruência, acesso, controle, eficiência e justiça. Portanto, o Desenho Urbano deve ser encarado como uma atividade de planejamento, cujos objetivos se reportam à qualidade físico-ambiental das cidades.” (LYNCH 1981, apud DEL RIO, p.58)

Segundo Alexander (1977, apud Del Rio, 2001, p.108) tão importante como o espaço construído, também se faz os espaços livres. Eles tem funções sociais, culturais, funcionais ou higiênica, e portanto devem ser considerados como espaços positivos. Sua importância acontece em relação a gama de atividades que acontecem nele, encontros, eventos, circulação e às suas margens.

Lynch (1980) afirma que “cada cidadão tem vastas associações com alguma parte da de sua cidade, e a imagem de cada um está impregnada de lembranças e significados.” O homem necessita se identificar psicologicamente com o local em que esta, por isso toda cidade deve ter um todo coerente, possuir uma identidade própria com sua história e suas características. (DEL RIO, 2001, p.119) Para Lynch (1980, p.5) uma imagem ambiental bem projetada causa um sentimento de segurança ao seu observador, estabelecendo uma relação de harmonia entre ele e o mundo. Que é o sentimento oposto causado pela desorientação. O que significa que quando a imagem lhe é familiar, e característica, essa causa um doce sentimento de aconchego como estar em sua Terra Natal.

## 2.4 NA TECNOLOGIA DA CONSTRUÇÃO

A Construção Civil estuda as disposições e métodos realizados em obras que visam a solidez, a utilidade e a economia. Toda construção que resulte na criação, modificação ou reparação para abrigo, serão condicionados para o desenvolvimento dessa atividade (AZEREDO, 1987). Falcon Bauer (1996, p.2) afirma que:

“Nas civilizações primitivas, o homem empregava os materiais assim como os encontrava na natureza; não os trabalhava. Não demorou muito, porém, para que começasse a aprender a modelá-los e adaptá-los as suas necessidades. A partir daí a evolução se deu a passos lentos. Até a época dos grandes descobrimentos, a técnica se resumia em modelar os materiais encontrados, os quais eram poucos, tendo quase sempre o mesmo emprego. Na construção predominavam a pedra, a madeira e o barro. Os materiais eram empregados em menor escala, e, ainda menos, os couros e as fibras vegetais.”

Falcon Bauer relata que é na cadeira de materiais que se conhece a qualidade, os defeitos e as aplicações de cada material. Depois de conhecidas, deve-se escolher os que são empregáveis ao projeto, atendendo aos padrões mínimos de qualidade. Esses materiais devem ser minuciosamente especificados (FALCON BAUER, 1996, p.3). Os avanços tecnológicos tem proporcionado maiores evoluções no aperfeiçoamento de métodos de cálculo e execução no emprego de materiais (MOLITERNO, 2008). Souza e Mekbekian (1996, p.16) afirmam que quando as especificações forem feitas corretamente, se permite uma melhor comunicação entre os compradores e os fornecedores, o que reduz futuros erros na hora da execução, além de permitir uma maior comparação entre preços com outros fornecedores, o que conduz a um registro de fornecedores melhor qualificados.

Romero (2001, p.9) diz que o espaço público deve ter sua forma pensada e definida com tamanha preocupação como se tem com edifícios. Deve ser um espaço projetado, onde elementos ambientais, históricos, culturais e tecnológicos funcionam em harmonia e coerência.

Segundo Frota e Schifer (2006, p.17) a Arquitetura deve colocar o homem e seu conforto em prioridade, uma de suas prioridades é oferecer condições térmicas que sejam compatíveis com seu conforto, sejam quais forem as condições climáticas. O organismo do homem funciona melhor quando não é exposto à fadigas e estresse, o que lhe proporciona uma melhor qualidade de vida. A verificação do clima se faz importante para saber o que deve ser controlado no ambiente, a fim de proporcionar a melhor sensação ao homem. A vegetação se torna um aliado nesse momento, ela absorve a radiação solar protegendo os ambientes, refresca lugares próximos, e suas folhas protegem o que está localizado em suas proximidades (ROMERO, 2000).

Charleson (2009, p.7) afirma que “quando a estrutura contribui arquitetonicamente, além de cumprir seu papel principal de sustentação de cargas, ela agrega riqueza estética e funcional aos projetos. Ela aumenta nosso interesse e prazer nas edificações, melhora seu uso e eleva o ânimo dos usuários.”

### 3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E SUPORTE TEÓRICO

No capítulo 3 será apresentada a base teórica deste trabalho, ou seja, as pesquisas que irão fundamentar a proposta final. Cada subcapítulo servirá para explicar assuntos importantes no desenvolvimento do projeto.

#### 3.1 O ESPAÇO PÚBLICO

O espaço público surge quando a cidade se torna privada, e a burguesia necessita de um lugar para mostrar, encontrar. Então surgem as alamedas, as avenidas, e se normatiza às pessoas que saiam vestidas para passear, de onde começam os investimentos políticos para o embelezamento, e monumentalização de algumas partes da cidade (BORJA, 2006). Ele pode ser uma expressão de ideias, à prática de democracia se associado a sua função filosófica, por sua vez, no olhar da sociologia, se caracteriza por ser o local de encontro entre os indivíduos da mesma comunidade, fortalecendo as relações do convívio social. Na visão jurídica, ele apenas se diferencia do lugar privado por ser de poder público, e no campo urbanístico são os espaços abertos definidos no desenho da cidade. Destes conceitos pode-se dizer que é o lugar destinado ao convívio de todos, exercendo diferentes funções: reunião, conversa, trabalho, religião, desempenhando um papel de extrema importância à vida urbana (SORIANO, 2006). Segundo Zevi (1996) “No espaço coincidem vida e cultura, interesses espirituais e responsabilidades sociais.” Estes lugares agem diretamente na cidade, influenciando sua identidade e o relacionamento das pessoas à sua cultura e costumes. Praças e parques devem ser projetados de acordo com a população específica, levando em conta hábitos e clima local. O espaço público é fundamental na elaboração da identidade cultural do povo. (ZABOTTI, 2016)

No cenário do espaço público encontramos os mobiliários urbanos, que facilitam o seu uso, são eles: bancos, lixeiras, pontos de ônibus, sinalização de trânsito, entre outros. Por ser público, nele se desenvolvem as redes de infraestrutura viária, de transporte que podem ser na superfície, subterrânea ou sem fio. Praças, parques, jardins são exemplos de espaço público, eles irão proporcionar a primeira percepção que o observador terá do lugar, pode ser de repúdio ou aproximação da cidade. Quando degradado provoca reprovação imediata (ALOMÁ, 2013).

Seu caminhar histórico trouxe reações positivas, mas como tudo, teve retrocessos, neste processo algumas cidades acabaram substituindo espaços públicos pela via motorizada. Um exemplo desses retrocessos, é um fato que acontece em Cancún no México, onde para ir à praia você precisa passar por dentro do hotel, isso destrói o espaço público e a cidade (BORJA, 2006).

Segundo Romero (2001):

“[...] o espaço público deve ter uma forma definida, pensada e construída com tanta intenção como a de um edifício. Encontramo-nos então, diante da concepção arquitetônica do espaço público, um espaço pensado como unidade arquitetônica, no qual os elementos ambientais, climáticos, históricos, culturais e tecnológicos são elementos que o configuram como estímulos dimensionais.” (p.9)

Pode-se observar que nas reformulações atuais do espaço público existe uma busca por parte dos promotores que procura reforçar a “identidade local”, buscando um respeito pelas características naturais do local. A cidade no século XX vem passando por diversas dessas mudanças onde o caos urbano foi rebatido com a construção desses espaços públicos sob o lema de requalificação urbana (SORIANO, 2006).

Soriano (2006), afirma que:

“[...] estudar a praça como um símbolo das intervenções da cidade contemporânea, aparece como importante registro histórico e crítico de um elemento que traduz e carrega consigo testemunhos da história presente e passada. Neste processo de difusão de revalorização da praça pública como palco da vida urbana, surge a necessidade de discuti-la sob as bases da nova arquitetura da cidade, na qual nota-se destacada intenção de mercantilizar o lugar e construir imagens que possam ser apreendidas, vendidas e consumidas.”

### 3.2 AS PRAÇAS

As praças são vistas desde o período Real, nelas se exaltavam o fervor monárquico. Eram compostas de estátuas em pedestais que clamavam os triunfos militares do reino. Elas tinham o papel de manter a fidelidade ao monarca e reforçar a unidade do reino (HOROUEL, 1990).

Segundo Lamas (2000) “É na idade média que se começa a esboçar o conceito de praça europeia, que atingirá o apogeu a partir do renascimento. A praça medieval é um largo de geometria irregular mas com funções importantes de comércio e reunião social.” Na praça medieval os acessos eram através de ângulos, ou nas laterais, e no renascimento surge o ideal

que vemos hoje, onde de qualquer lugar se consiga ver o monumento que ocupa o centro. Essa exigência se cumpre no sistema da praça circular (HAROUEL, 1990). Do barroco ao renascimento ela é tida como um lugar especial, sendo considerada não apenas um vazio urbano, mas um lugar público onde se concentram os principais monumentos, adquirindo um grande valor simbólico. É um elemento básico do desenho urbano e da arquitetura, cenário de beleza, manifestações e prestígio (LAMAS, 2000).

A praça sempre foi sinônimo de espaço de encontro, comércio no decorrer da história da humanidade. Palco e cenário de estilos e modismos de cada época, atuando como “coadjuvante da história”. Tem seu embrião na ágora ateniense onde se faziam reuniões e rodas de discussões. Destaca-se então seu importante papel na história da sociedade (SORIANO, 2006). Pode ser um espaço aberto em meio ao tecido urbano, geralmente ajardinado, seu tamanho é em média dois quarteirões e na maioria dos casos esta rodeada de circulações. Pode estar no centro da cidade, pode ser a pracinha da igreja e pode também caracterizar bairros e cidades. Pode ser um local fechado ou com interior aberto, onde se tem noção de lugar, possuindo alto valor simbólico. É recheada de elementos naturais que dependendo de sua aplicação geram lugares diferentes, podendo ser de menor ou maior escala (MASCARÓ, 2008).

O desenho das praças se resumiu em duas linhas: a clássica e a romântica. A clássica é caracterizada por eixos em formato de cruz, ponto focal central, áreas permeáveis (ROBBA, 2002), como podemos ver no exemplo da figura 1.

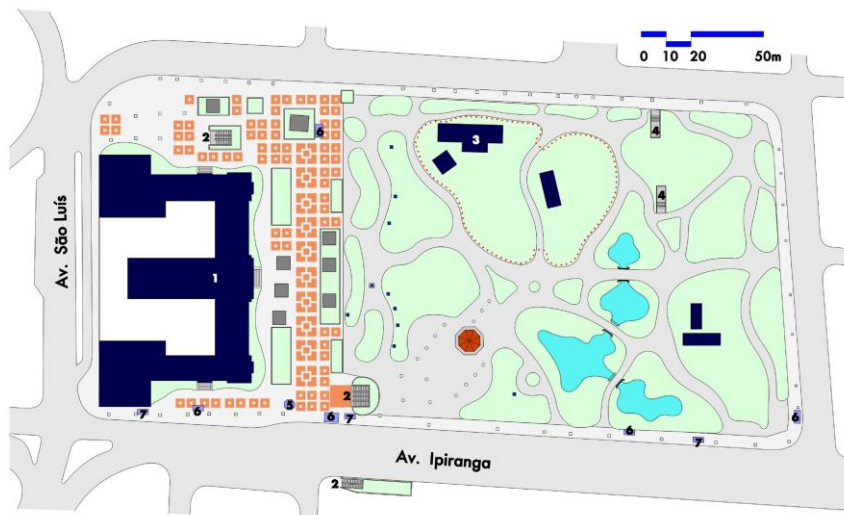
Figura 1: Praça da República de Recife.



Fonte: ROBBA e MACEDO, 2002.

A linha romântica já é composta por traçados sinuosos, espaços de contemplação, criação de visuais e uma utilização mais cênica das plantas (ROBBA, 2002) como acontece na Praça da República de São Paulo mostrada na Figura 2.

Figura 2: Praça da República em São Paulo.



Fonte: ROBBA e MACEDO, 2002.

Na cidade tradicional vemos sua relação estreita entre o vazio com os edifícios, que definem os limites da praça e contribuem para sua caracterização. Reúne a ênfase do desenho urbano com o espaço coletivo, que a distinguem de outros espaços vazios (LAMAS, 2000).

Segundo Alex (2008):

“Simultaneamente uma construção e um vazio, a praça não é apenas um espaço físico aberto, mas também um centro social integrado ao tecido urbano. Sua importância refere-se a seu valor histórico, bem como sua participação continua na vida da cidade. Kevin Lynch apresenta com clareza a definição de que a praça é um lugar de convívio social inserido na cidade e relacionado a ruas, arquitetura e pessoas.” (p.23)

A partir do século XIX começam a surgir alguns elementos de maior destaque nas praças brasileiras, especialmente após o desligamento dos comandos religiosos. Elas começam a receber jardins, quiosques, fontes e terem maiores cuidados com sua composição de forma a corresponder às necessidades da nova vida urbana. É um período marcado principalmente pelo ajardinamento de terrenos e áreas nobres e pelos processos de

modernização que abrangeram os espaços públicos (SORIANO, 2006). A praça ajardinada traz uma modificação na função da praça na cidade, o mercado acaba sendo transferido para edificações específicas e, as demonstrações de poder perdem a força (ROBBA, 2002).

Para Macedo (2012) “o termo ‘contemporâneo’ pode ser aplicado de um modo genérico à qualquer ação paisagística efetuada em um momento presente e em um tempo imediatamente anterior.” As praças contemporâneas são locais onde se aceitam muitas formas de expressão, utilizando-se de novas tecnologias dos materiais construtivos, tendo um espectro extremamente amplo de intenções (ROBBA, 2002).

### 3.2.1 Mobiliário Urbano

A definição acerca do conceito de mobiliário urbano é variável entre autores. Portanto para que exista congruência entende-se o mobiliário urbano como um conjunto de elementos que contribuem para o conforto e lazer da comunidade, como bancos, coberturas e outros equipamentos similares. Contudo, essa definição ainda é bastante abrangente, abarcando elementos que permitem a utilização dos espaços, fornecendo conforto, proteção, serviços, informação, lazer, cultura e outros. Situa-se na extensão setorial da rua e não deve ser considerado de ordem secundária, pois, sua disposição interfere diretamente na forma e equipamento da cidade. O conjunto tem suma importância para o desenho da cidade e a sua organização, pois a partir dele pode-se desfrutar de um espaço com maior comodidade (LAMAS, 2000).

O Mobiliário Urbano aparece no meio público através da necessidade de reestruturação dos espaços. As cidades começaram a crescer e aumentar o número de habitantes, havendo necessidade de mais abrigos de ônibus, placas informativas e a melhoria da paisagem urbana. Eles aparecem sobre as calçadas tendo função estética e funcional, complementando o desenho urbano, com espaços bem planejados e equipados, para um melhor bem-estar do cidadão e organização de usos e fluxos da cidade (ANGELIS, 2015).

Esses espaços além de trazerem bem estar e beleza ao desenho urbano, ele pode criar a identidade de bairros e cidades, caracterizando o lugar, assim como as saídas Art Nouveau do metrô em Paris como mostra a Figura 3, ou as luminárias da Calle Ferran em Barcelona na Figura 4 (CONCRETA, 2015).

Figura 3: Saída Art Nouveau do metrô em Paris.



Fonte: BRASILIA CONCRETA, 2015.

Figura 4: Luminária Calle Ferran em Barcelona.



Fonte: BRASILIA CONCRETA, 2015.

O mobiliário ao servir como referência, pode modificar a imagem que os usuários fazem do espaço, a qualidade juntamente com a estética do objeto pode contribuir para que o elemento se torne referência. Outro exemplo da importância do mobiliário urbano na identificação das cidades ocorre nos bairros do Rio de Janeiro, Ipanema e Leblon (Figuras 5 e 6), isso faz parte do projeto Rio-Cidade de 1994-1996 (MOURTHÉ, 1998). No Rio o mobiliário urbano muda em cada bairro, ele pode ser mais eficiente do que placas para a localização das pessoas (MORONI, 2008).

Figura 5: Abrigo de ônibus no Leblon, projeto Rio-Cidade.



Fonte: SKY SCRAPERCITY, 2016.

Figura 6: Telefone público, projeto Rio-Cidade.



Fonte: LITERATURA RIO DE JANEIRO, 2009.

Para que haja qualidade na relação entre o mobiliário urbano com a paisagem, devemos entender os seus significados e funções. Sua função deve estar embasada nas características físico-espaciais que correspondam as necessidades das pessoas, a existência de qualidade, coerência e ordem no ambiente é fundamental ao ser humano, o que implica reações positivas nas pessoas que utilizam o local projetado. (REIS e LAY, 2016).

### 3.3 A IMPORTÂNCIA DO PAISAGISMO NA CONCEPÇÃO DE ESPAÇOS

A paisagem pode ser definida como todo o espaço aberto que conseguimos enxergar em um olhar, é uma realidade ecológica que se concretiza num espaço natural (antes da intervenção humana), no qual estão elementos e estruturas construídas pelo homem, cada um com sua cultura, o que se pode chamar de “paisagem cultural” (MASCARÓ, 2008). Ela faz parte do convívio das pessoas, influenciando aspectos econômicos e sociais. Atualmente a paisagem contemporânea promove o encontro de grupos sociais. A vida cotidiana urbana se desenvolve cada vez mais nos espaços públicos, que deve atender às necessidades humanas e naturais (LIRA FILHO, 2001).

Podemos dizer que existem dois tipos de paisagens: uma natural (dada) e a outra humanizada (construída) a qual foram feitas intervenções devido às necessidades. Não se pode esquecer que a paisagem se caracteriza por exigências estéticas, que é uma característica necessária para a vida humana, sem a qual a própria população perderia a sua razão de ser, podemos dizer então que a estética não é um elemento supérfluo (LEENHARDT, 2006).

O paisagismo propõe a construção do ambiente e qualifica os espaços livres, que abrange uma enorme dimensão de intervenções, muitas vezes encerradas em jardins com dimensões específicas onde se pode tratar objetivamente de alguns aspectos (MASCARÓ, 2008). Para Zein (2006) “Dois conceitos são primordiais para a elaboração do projeto paisagístico: a escala e o caráter. O domínio das diferentes escalas intervenientes no projeto e a caracterização do espaço são a grande conquista do paisagista e a garantia do sucesso do projeto.” É importante na concepção espacial de um projeto de paisagismo pensar no papel que as plantas irão realizar na superfície, transformando vazios em espaço, a partir de elementos naturais, sem esquecer das mudanças que eles realizam no decorrer das estações (ABBUD, 2006). Os espaços verdes são a junção de cores, texturas e materiais, e a iluminação é o que permite que nossos olhos enxerguem isso, portanto o projetista deve levar em consideração cada elemento que forma esse espaço, como são usados antes de estabelecer o critério que será proposto para o projeto. Luz natural e materiais naturais, são elementos importantes na elaboração e uma praça, que é considerada um espaço habitável exterior e deve atender as necessidades humanas (MASCARÓ, 2008).

Podemos considerar que as zonas urbanas que possuem qualidade de vida, são locais com árvores que proporcionam efeitos benéficos às cidades, são locais verdes e geralmente mais valorizadas em relação aos recursos paisagísticos mais pobres (LIRA FILHO, 2001).

Segundo ABBUD (2006) “Um dos principais papéis das árvores no espaço público é dar harmonia, regularidade e unidade à paisagem, afastando aquela impressão de caos sugerida pela massa construída descontínua e irregular dos prédios e melhorando visuais e as escalas para o pedestre.” O processo de desenvolvimento da imagem de uma cidade, pode comprometer a atual característica apresentada na sua identidade e no imaginário da população (DEL RIO, 2001).

### 3.4 A ARQUITETURA NA CRIAÇÃO DA IDENTIDADE DA CIDADE

A arquitetura pode ser dividida em três sistemas: Solidez, beleza e utilidade. A solidez trata dos sistemas estruturais, a beleza das preocupações estéticas e a utilidade do atendimento dos requisitos físicos e psicológicos dos usuários. Para propor uma edificação, é necessário que a cidade e a sociedade precise dele, que haja uma utilidade, pois seu uso será de extrema importância na concepção de sua forma. Na arquitetura, a função desempenha um papel importante e definitivo (COLIN, 2000). As intervenções urbanas e construções de uma cidade necessitam que haja o atendimento das exigências atuais, uma obrigação de intervenção, e portanto uma condição avaliada para o seu acontecimento na cidade (ARGAN, 1998).

O conteúdo social é um objetivo na concepção do projeto arquitetônico, este cumprirá um uso social. A arquitetura projetada de forma adequada atende as necessidades da sociedade, obtendo excelência nos resultados estéticos. Entretanto sua forma irá depender da intenção do arquiteto, se sua ideologia e de outros fatores do processo de produção (COLIN, 2000). Segundo Dias (2000) “Todas as construções representam o espírito da sua época ou, pelo menos, o do dono da obra e do arquiteto. Representam ainda, mais do que qualquer criação humana, as relações sociais.”

A produção de um espaço na arquitetura pública e urbana, não se resume em projetar formas, dispor elementos no espaço e executá-la, este é apenas um dos aspectos e está longe de atender o que se deve fazer na prática, o que vem a ser o “sistema de produção” que deve ser indagado já no início do planejamento. “Produção” significa dar um uso aos produtos disponíveis na natureza de forma adequada as necessidades humanas. Na arquitetura é a apropriação do espaço adequadamente (NETTO, 1999).

Considerando a arquitetura uma forma de arte, incluímos além dela alguns outros critérios e vamos além deles “a arte deve ser uma meta; o produto cultural, um fato; a profissão, um meio”. (COLIN, 2000) Para Zevi (1996) “Em arquitetura, o conteúdo social, o

efeito psicológico e os valores formais se materializam todos no espaço. Interpretar o espaço, significa por isso incluir todas as realidades de um edifício.”

#### 3.4.1 Arquitetura Simbólica

Um cenário capaz de possuir uma boa imagem, tem uma função social, fornece conteúdo para os símbolos e a comunicação em grupo. De paisagem admirável foi de onde saíram mitos socialmente importantes, por exemplo, durante a guerra as lembranças comuns dos soldados eram de sua cidade natal, o ponto de contato entre eles (LYNCH, 1980). Segundo Zevi (1996) “A experiência espacial própria da arquitetura prolonga-se na cidade, nas ruas e praças, nos becos e parques, nos estádios e jardins, onde quer que a obra do homem haja limitado ‘vazios’, isto é, tenha criado espaços fechados.”

“Ao depararmos com uma paisagem, percebemos as noções de tempo e história. Cada cena é apreendida traz à memória um conjunto de associações. A apreensão dessas cenas, representativas da história, faz a ligação entre o observados e a paisagem observada, e faz com que a paisagem assuma a conotação de lugar, onde cada imagem está repleta de lembranças e significados.” (LIRA FILHO, 2001)

Uma edificação sempre traz algum significado para a cidade: uma igreja remete a religiosidade, um tribunal à ordem jurídica, uma habitação à privacidade, enfim, além do edifício realizar uma atividade, ele também é representativo para a sociedade. Esta função chamamos de semântica, que estuda a relação entre os objetos e seus significados. Quando falamos sobre o conteúdo que a arquitetura possui, dizemos também sobre a capacidade que ela tem de representar algo para as pessoas, uma mensagem que diz mais que sua presença, mais que apenas materiais, estes se tornam apenas suporte de sua forma. Enfim estamos experimentando a arquitetura como uma forma de linguagem que proporciona uma comunicação através de ideias (COLIN, 2000).

Podemos dividir a imagem ambiental em três quesitos: identidade, estrutura e significado. Para analisá-los precisamos os ver separadamente, mas sabendo que aparecem sempre juntos. Uma imagem viável requer a identificação do objeto para sua diferenciação. Damos a essa fato o nome de identidade, que é o significado individual ou unicidade (LYNCH, 1980). O ambiente exterior, é possivelmente o meio mais imediato de provocar nas pessoas a sensação de identificação, pois ele engloba todos os componentes do “Aqui” (CULLEN, 1971). Nesse processo de orientação a imagem ambiental capta o mundo físico

exterior de que cada um é portador, que é consequência de sensações imediatas e experiências vividas por cada observador, o que gera uma ação. Essa necessidade das pessoas reconhecerem o local é muito importante para o emocional do indivíduo (LYNCH, 1980).

Espaços livres são importantes simbolicamente, pois os objetos nele inseridos se tornam pontos de referência na paisagem da cidade, executando um papel importante na formação da identidade do bairro ou da rua. Podemos citar o exemplo da pracinha ou da grande árvore florida próximo ao ponto ao qual se quer dar referência, a partir dele conseguimos indicar um caminho, além disso embelezam a paisagem urbana, trazendo a natureza para dentro da cidade. Espaços verdes e com jardins são associados a oásis em meio a urbanização (ROBBA, 2002). Segundo Lynch (1980) “Cada cidadão tem vastas associações com alguma parte da de sua cidade, e a imagem de cada um está impregnada de lembranças e significados.”

Clareza e legibilidade não são as únicas preocupações para uma bela cidade, é importante que haja respeito com a escala humana, quanto a dimensões e o meio ambiente. A cidade não deve ser considerada apenas como uma coisa que se basta, mas sim como os seus cidadãos a percebem (CHOAY, 2000). Uma boa imagem proporciona um sentimento de segurança emocional, gera uma relação de harmonia entre o observador e o mundo à sua volta. Sensação está extremamente oposta a sensação de desorientação. O doce aconchego da terra natal que se torna mais forte quando além de familiar se torna característico (LYNCH, 1980).

O ponto focal determina um espaço sendo símbolo vertical de convergência, em ruas mais movimentadas, largos e cidades o ponto focal surge como uma confirmação “Este é o local que procurava. Pare. É aqui.” Ele pode ser uma cruz, uma coluna (CULLEN, 1971). Para Saboya (2008) “Os pontos nodais são pontos estratégicos na cidade, onde o observador pode entrar, e que são importantes focos para onde se vai e de onde se vem. Variam em função da escala em que se está analisando a imagem da cidade: podem ser esquinas, praças [...]”. Outro tipo de referencial são os Marcos, geralmente apresenta-se como objeto físico, podem estar distante e transmitir uma referência constante ao observador, ou podem estar mais próximo destacando-se por sua forma imageabilidade (DEL RIO, 2001). Se tornam mais úteis às pessoas conhecedoras da cidades, que passam a se basear nesses elementos como referência. (SABOYA, 2008)

“A terra natal dificilmente sai da memória das pessoas. O lugar onde se nasceu, a casa em que morou, o local das brincadeiras de infância, a pracinha da cidade com seus recantos para encontros fortuitos, são lembranças que não se apagam com o tempo. Tais reminiscências parecem que fazem parte do imaginário coletivo. É um referencial uma vez que faz parte no processo de construção do patrimônio cultural da sociedade.” (LIRA FILHO, 2001, p.41)

### 3.5 JARDINS SENSORIAIS

O paisagismo é uma expressão artística que explora os quatro sentidos do ser humano, diferentemente da arquitetura, que usa apenas a visão. Nele se desenvolve também o olfato, a audição, o tato e o paladar, esse detalhe proporciona uma grande experiência sensorial e perceptiva. Quanto mais o paisagismo conseguir aguçar esses sentidos, mais sucesso terá no cumprimento de suas experiências perceptivas. Quanto mais um jardim consegue aguçar todos os sentidos, melhor cumpre seu papel (ABBUD, 2006). O jardim sempre foi considerado um espaço de lazer e prazer, que nos permite sonhar acordado. Nele podemos experimentar diversas sensações, estar em contato com a natureza em sua melhor expressão (CHIMENTHI, 2013).

Chimenthi (2013) propõe ainda que os jardins não incluem pessoas com deficiências e idosos, seus espaços são inadequados e dificultam a circulação dessas pessoas. Por isso a ideia do jardim sensorial é a de inclusão e aprimoramento dos sentidos das pessoas que não possuem necessidades especiais. Com grande influência oriental o jardim sensorial se manifesta através dos quatro sentidos no nosso corpo: No tato com texturas de plantas; na audição com o bater das folhas, cair da água; na visão através das cores; e no olfato através dos aromas exalado pelas espécies.

Suculentas e cactos podem cumprir um resultado satisfatório para o tato, já fontes de água produzem uma agradável sensação de calma, seu som é considerado terapêutico, podem ser implantadas através de sistemas de bombeamento. Ervas, temperos cumprem a função do olfato, pode-se utilizar alecrim, chás, coentro, hortelã dentre outras. Também possui função terapêutica afetando emoções e controlando as principais funções do corpo. As cores das flores e folhas geram um aspecto visual ao jardim, suas diversas combinações chama atenção por sua infinita gama de cores, podendo variar durante as estações do ano.

Abbud (2006, p.111) relata:

“A floração colorida pode ser um importante referencial do jardim em determinada época do ano. Por exemplo, o intenso amarelo de um ipê florido torna-se, por um período, o ponto focal de uma paisagem onde predominam tons de verde. Por isso, é interessante considerar que o projeto de paisagismo possa dispor de diferenciados atrativos florais em momentos diferentes.”

### 3.5.1 Os Sentidos Humanos

Através do contato sensorial que realizamos construímos a nossa percepção sobre o ambiente vivenciado, por exemplo caminhar entre as árvores em uma manhã de sol na primavera nos proporciona uma infinidade de informações ao enxergarmos a beleza do lugar, sentir o seu cheiro e texturas nos estimula de várias formas. Essas sensações são processadas pelo cérebro e podem gerar diversas emoções como de relaxamento e tranquilidade ou até de medo e desconforto se estiver em algum local sujo ou mal cuidado. No entanto cada ser humano reage diferente a cada estímulo, pois eles remetem a memórias e pensamentos de que cada um possui em particular (OLIVEIRA, 2007).

Visto a importância de atender a todos os sentidos no ambiente, arquitetos podem proporcionar isto em seus projetos, unindo a matéria, as sensações e as percepções que despertem emoções no lugar, fazendo com que a matéria conduza a sonhos do ser humano, lembranças do cheiro, do calor do sol, deixando o lugar família, visando a relação mais completa do homem com o ambiente. A percepção humana é ativada por objetos e ambientes inundados de sensações visuais, auditivas, olfativas, gustativas, táteis e mentais, mesmo se o usuário tiver deficiência em algum sentido poderão compreender com a mesma força dos que possuem todos, produzindo a construção de um ambiente rico em sensações mentais de cada indivíduo, trazendo bem-estar e aconchego (RHEINGANTZ, ARAÚJO, ALCANTARA, 2005).

“Como cada órgão tem um campo específico de atividade e como cada sentido é separado um do outro, a mente participa em todos os sentidos, e permite a todas as pessoas, inclusive as com necessidades especiais, “ver”, “ouvir”, “sentir” e “pensar”, o que fica gravado em nosso consciente e em nosso subconsciente vem à tona ao ser despertado pelo lugar.” (RHEINGANTZ, ARAÚJO, ALCANTARA, 2005)

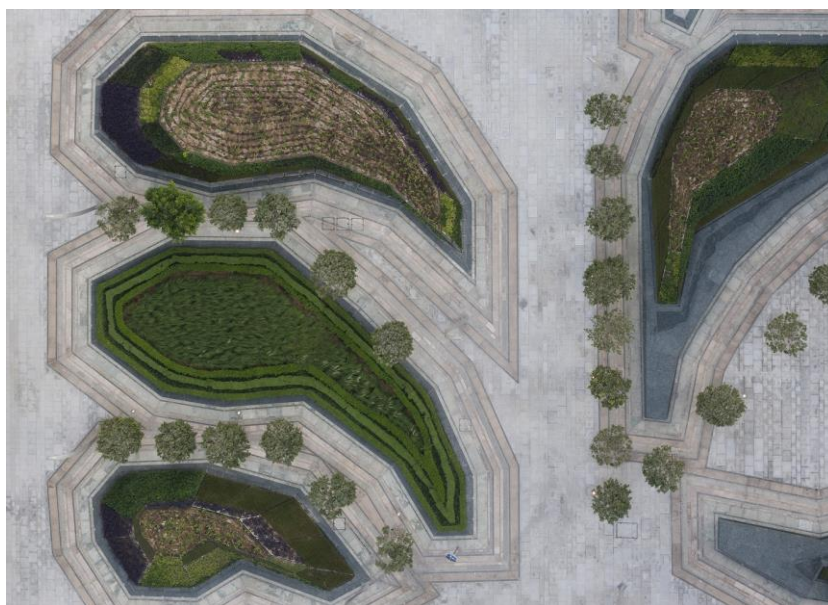
## 4 CORRELATOS

Neste capítulo serão apresentados correlatos de praças e jardins que possuem uma intenção referente a que será desenvolvida na proposta da Praça para Tupãssi. Segundo o Dicionário Online de Português, a palavra “correlato” significa: “Relacionado; em que há ligação ou relação entre uma coisa e outra: danos correlatos ao acidente.” Na arquitetura podemos dizer que são projetos que contém elementos que servem como referência ou relação para a conceituação projetual de outras obras.

### 4.1 Praça Sowwah

A arquiteta Martha Schwartz define dois eixos para o projeto de paisagem urbana e pública: atender à cultura local e as preocupações ambientais. Esses são os princípios da praça ajardinada localizada em Sowwah Square em Abu Dhabi na ilha de Maryah Al. A praça produz uma linguagem global através de padrões geométricos derivados pela natureza e cultura da Península Arábica, se propõe um refúgio feito de plantas ao ar livre para as pessoas que passam e trabalham perto do local. As inspirações projetuais tem como base alguns hábitos dos Emirados Árabes Unidos como as dunas de areia, oásis, tecidos beduínos entre outros estabelecendo conexões com os jardins chateau do barroco francês (YÁVAR, 2015).

Figura 7: Praça Sowwah.



Fonte: ARCHDAILY, 2015.

#### 4.1.1. Análise Funcional e Ambiental

Sowwah Square é um novo desenvolvimento comercial de grande porte na Ilha Al Maryah em Abu Dhabi's Al Maryah. O novo plano diretor local, intitulado Plano Abu Dhabi 2030, designou a ilha até então não desenvolvida e as bordas adjacentes da Ilha Mina Zayed e Reem como o novo centro de negócios da cidade. São quatro torres comerciais, duas com 31 pavimentos e as outras 37, os primeiros pavimentos encontram-se a 34 metros do solo, criando um átrio que se conectam entre eles através de uma praça. Nela há um conjunto de dois pavimentos com empreendimentos, em seus limites norte e sul há duas entradas de estacionamento com mais de 2.400 vagas (YÁVAR, 2015).

Figura 8: Sowwah Square.



Fonte: ARCHDAILY, 2015.

Figura 9: Análise da implantação da Sowwah Square.



- 1 - Edificação central
- 2 - Praça
- 3 - Entorno
- 4 - Acessos

Fonte: ARCHDAILY, 2015 adaptada pela autora.

#### 4.1.2 Análise Formal

Grandes montes de vegetação se tornam refúgio aos pedestres, em Shamal há um forte vento a noroeste, e essas estruturas ajudam a criar espaços íntimos, que através deles cria-se uma visão de um tapete. Grandes bancos feito em pedra estão anexados a esses pequenos montes com pequenos riachos de água incorporados, visando suavizar o calor. Com texturas ornamentadas os bancos criam um efeito dinâmico, esses mobiliários produzem uma experiência lúdica e tátil. Os bancos contam com iluminação integrada em suas bases, o que lhes gera vida durante a noite, criando efeitos diversos (YÁVAR, 2015).

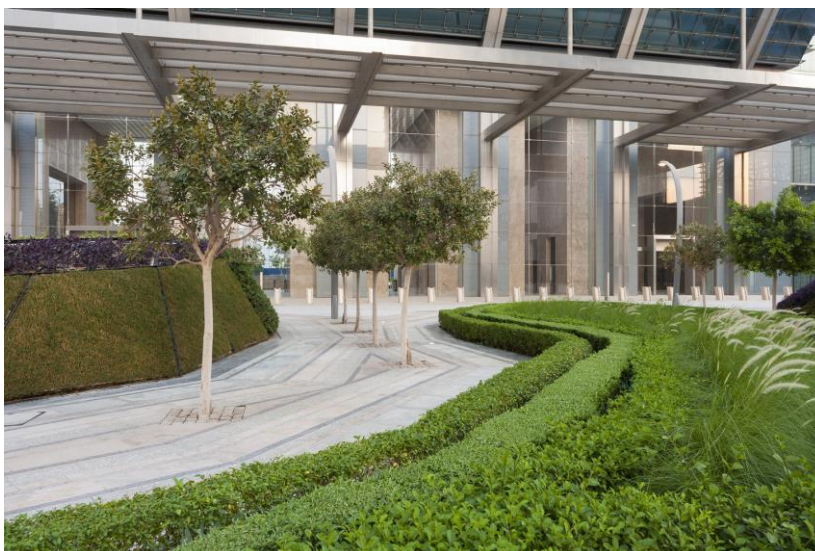
Figura 10: Vista do mobiliário na Praça Sowwah.



Fonte: ARCHDAILY, 2015.

A ideia de um local que atenda à cultura local cria um ponto de referência único para Abu Dhabi, a forma de plantação contribui para uma linguagem de desenho global criando uma praça verdadeira para pedestres. A disposição, tamanho e cor desse mobiliário foi desenvolvida para facilitar a circulação pelos eixos, e identificar as zonas da esfera pública. As vegetações são utilizadas para enfatizar para responder essas intenções (YÁVAR, 2015).

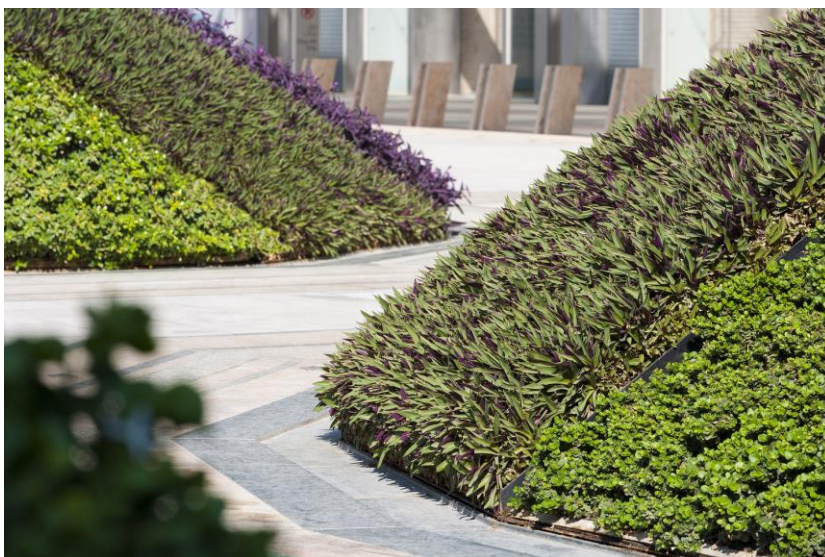
Figura 11: Vista do paisagismo na Praça Sowwah.



Fonte: ARCHDAILY, 2015.

Plantas de pequeno porte, forrações e gramíneas são plantadas nos acessos para garantir máxima visualização para dentro da praça. Um grid de árvores foi criado para o projeto, suas copas são podadas com formas que se harmonizam com os montes dispostos pelo terreno. As espécies de árvores utilizadas são *India fig*, *Ficus nitida* permitem 3 metros livres de obstáculos por baixo das vistas lineares e a circulação de pedestres, ao fornecer uma cobertura densa de sombra do árduo sol de Abu Dhabi. Os nuances de cores e texturas das plantas *Lampranthus aureus* com suas flores de cor laranja brilhante combinadas com *Purple Lady Iresine*, de folhagem roxa delicada criam contrastes dramáticos, essas espécies foram selecionadas de acordo com as exigências do clima (YÁVAR, 2015).

Figura 12: Paisagismo na Praça Sowwah.

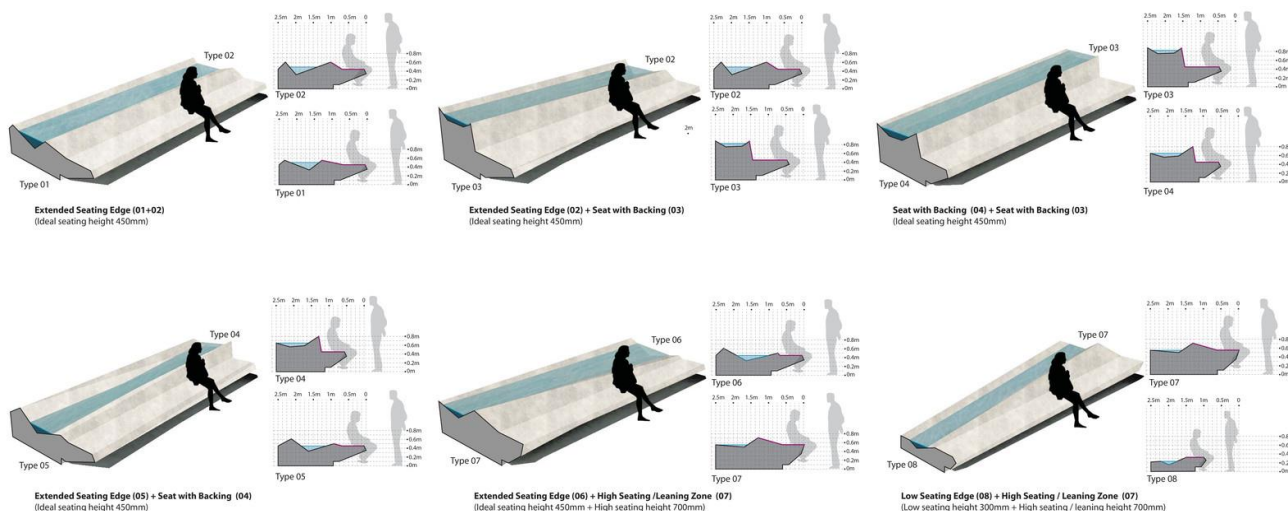


Fonte: ARCHDAILY, 2015.

#### 4.1.3 Análise Técnica

Os montes foram feitos em cima de lajes, para isso foi feito um quadro estrutural para suspender e preencher a base das plantações. O calçamento é de granito para proporcionar uma paleta de cores criando formas que acompanham o desenho dos elementos, semelhante a um tapete beduíno. Os bancos são construídos a partir do granito moído.

Figura 13: Detalhamento do mobiliário da Praça Sowwah.



Fonte: ARCHDAILY, 2015.

## 4.2 OS JARDINS DE BURLE MARX

“Desde a antiguidade, o jardim era um espaço destinado à meditação e à contemplação da natureza, ainda que essa natureza fosse uma recriação humana do ambiente selvagem. O jardim representava a metáfora do Éden, atraindo para si uma imagem de paraíso e de tranquilidade celestial.” (ROBBA, 2002, p.23)

Roberto Burle Marx aparece no neomodernismo aperfeiçoando as premissas dos projetos modernistas. Paisagista, alterou significativamente alguns princípios de projeto dando ênfase ao uso da vegetação tropical, utilizando de formas geométricas livres, desenhos em pisos, e piscinas usando de novas experiências formais (MACEDO, 2012). O trabalho de Marx não se preocupava apenas com a disposição de plantas, mas também com a organização e circulação das atividades juntando o espaço cultural, ecológico e social, isso o diferenciava dos demais. Entre outras características, Marx se atentava quanto a escala do projeto, usufruía do paisagismo sensorial através do uso de diferentes materiais e plantas, e ousava com seus caminhos sinuosos (DRAHER, 2013).

Figura 14: Jardins da Pampulha – BH.



Fonte: Gazeta do Povo, 2015.

#### 4.2.1 Sítio Santo Antônio de Bica na Barra de Guaratiba – RJ

O sítio foi adquirido por Roberto Burle Marx e possui altíssimo valor paisagístico e sensorial pois possuía uma vasta coleção de plantas de diversas texturas, cores e perfumes (DAHER, 2013). Possui um acervo botânico com mais de 3.500 espécies com os mais importantes tipos de plantas tropicais, é reconhecido como uma das maiores coleções do mundo. Artes esculturas e uma vasta legião de plantas adornam a antiga residência do paisagista (IPHAN).

Figura 15: Sítio Santo Antônio de Bica na Barra de Guaratiba – RJ.



Fonte: FILIPPO POLI, 2015.

Figura 16: Sítio Santo Antônio de Bica na Barra de Guaratiba – RJ.



Fonte: FILIPPO POLI, 2015.

O sítio conta com um acervo museológico e bibliográfico dividido em três edificações: a casa onde Burle Marx morava, aberta para visitas em 1999, que possui artes sacras feitas pelo próprio paisagista e por artistas contemporâneos, obras populares brasileiras, objetos de decoração entre outras coleções importantes. Próximo de fora da casa localiza-se a “Loggia”, local para pintura e serigrafia em painéis de tecido, adiante dela tem-se o salão de festas aberto, projetado por Haroldo Barros e Rubem Bretman, tomado de azulejos de autoria de Marx (DIAS, 2009)

Figura 17: Casa de Burle Marx no Sítio.



Fonte: DIAS, 2009.

Ao lado da casa está a Capela de Santo Antônio da Bica, construção do século XVII foi restaurada por Marx juntamente com Lucio Costa e Carlos Leão, foi tombada como patrimônio estadual e é utilizada por habitantes da região para cerimônias religiosas (DIAS, 2009).

Figura 18: Capela de Santo Antônio da Bica.



Fonte: DIAS, 2009.

Em um nível mais alto, há um ateliê utilizado para realizar seus trabalhos, sua fachada é composta por pedras de cantaria, que abriga também obras de Marx entre outras peças de artesanato brasileiro. Possui também um prédio administrativo projetado por Ary Garcia Rosa com uma biblioteca especializada em botânica, arquitetura e paisagismo, salas de aula, auditório, herbário e laboratório para pesquisas, possibilitando cursos de jardinagem, paisagismo e botânica para o público (DIAS, 2009).

Figura 19: Ateliê no Sítio de Santo Antônio da Bica.



Fonte: DIAS, 2009.

#### 4.2.2 Os Jardins de Butchart

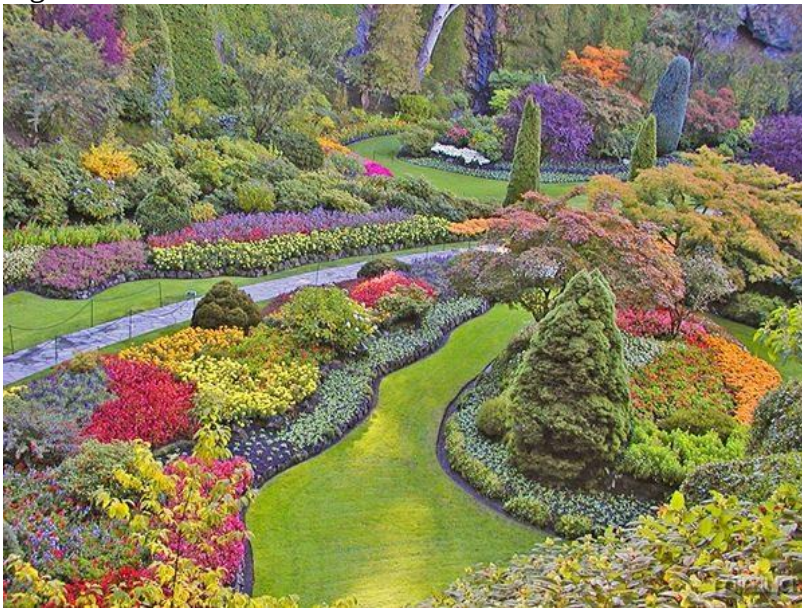
Localizados no Canadá, na Columbia Britânica, os Jardins de Butchart são mundialmente conhecidas por sua exuberante beleza. Foi classificado como sítio histórico, estima-se que haja 700 tipos de espécies e cerca de um milhão de plantas, que deixam o jardim cada vez mais encantador. São 22 hectares divididos em Jardim de Rosas, Lagoa da Estrela, Jardim Japonês, Jardim Submerso e Jardim Italiano, todos interligados por sub jardins. Robert Pim Butchart e sua mulher Jennie Butchart foram os criadores do local em 1888, construíram sua casa na Ilha Vancouver, e criaram a princípio um jardim japonês com a ajuda do designer Isaburo Kishida. Após isso, transformaram uma pedreira que havia se esgotado também em jardim. E em 1921 a casa já era desejada por visitantes e eles seguiram suas transformações (CLUBE DE JARNAGEM).

Figura 20: Jardins Butchart no Canadá.



Fonte: MINILUA, 2012.

Figura 21: Jardins Butchart no Canadá.



Fonte: MINILUA, 2012.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O início do estudo surgiu em vista da necessidade de um espaço de significância para a cidade de Tupãssi-PR, que com os desdobramentos das pesquisas pode-se notar a importância da praça no desenvolvimento da identidade das cidades, no desempenho do papel democrático, na convivência da população. Este fato, então, compõe o objetivo da pesquisa, que prevê um local visível e frequentado para o marco da cidade. Um marco histórico tem como função, ser o ponto de referência de uma cidade, que a torna singular através de sua localização espacial, ou também pela sua atividade. Seu visual impactando e emocionando as pessoas, marca o observador, e o remete à imagem quando lembrados. Esse é o ponto de partida para a criação da identidade, algo que faça sua imagem aparecer através de um símbolo. Como afirma Lynch quando diz que no processo de orientação o elo estratégico é a imagem ambiental, o quadro mental do mundo físico de que cada indivíduo é portador. A necessidade de reconhecer e padronizar nosso ambiente é tão crucial, que essa imagem é de enorme importância emocional para o indivíduo (LYNCH, 1980).

Acredita-se que por meio da proposta de uma praça com tendências que vão além de um atrativo comum, possamos obter um lugar que acolha os habitantes da cidade e a quem os visita, visto que a arquitetura associada com o paisagismo, é capaz de transformar além de ambientes, culturas e costumes de um povo. Um lugar deve ser projetado pensando em sua individualidade, em uma relação única com seu observador, essa unicidade irá promover a lembrança da imagem local.

O paisagismo atende os sentidos do ser humano, como os jardins sensoriais, que podem atingir a todos sem exceção sendo um método utilizado na caracterização e embelezamento do projeto. Ele proporciona infinitas possibilidades projetuais, com nuances de plantas, cores, texturas que emocionam e envolvem os observadores. Como complemento ao paisagismo, agrega-se valores aos mobiliários urbanos como instrumento de atendimento às necessidades humanas, mas também, como forma de criação de uma identidade visual se criados especialmente para o local, pensando na construção desse simbolismo.

Vem-se tentando resgatar os valores dos espaços públicos, atraindo as pessoas de volta à eles, aumentando a sociabilidade do povo de uma comunidade, para isso, os novos projetos de espaço público devem incorporar todos os elementos capazes de atingir e beneficiar o homem, visando um maior aproveitamento local, o mantendo bem frequentado e seguro.

Conclui-se então a importância de se obter conhecimento das necessidades enfrentadas pela cidade de Tupãssi, prevendo o atendimento delas na concepção da Praça, de forma a atender o objetivo de criar um espaço que se torne orgulho para a população. As áreas que abrangem a Arquitetura e o Urbanismo devem ser trabalhadas corretamente no decorrer da concepção projetual, visando melhorar a qualidade de vida desse povo.

## REFERÊNCIAS

ABBUD, Banedito. **Criando paisagens – guia de trabalho em arquitetura paisagística. 3ª edição.** Editora SENAC. São Paulo, 2006.

ABIHMG. Disponível em: <http://www.abihmg.com.br/belo-horizonte-liberdade-square/>. Acessado em: 12/05/2017 as 21:28.

ALOMÁ, Patricia Rodríguez. **O espaço público, esse protagonista da cidade.** Original: Plataforma Urbana, tradução: ArchDaily, 2013.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade.** 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

AZEREDO, Hélio. A. **O edifício até sua cobertura.** São Paulo: Edgard Blücher, 1987.

BENEVOLO, Leonardo. **História da Cidade.** Tradução: Silvia Mazza. 3ª edição-2ª reimpressão. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.

BORJA, Jordi. **Espaço público, condição da cidade democrática: A criação de um lugar de intercâmbio (1).** Vitruvios: Arquitectos, 2006.

CARVALHO, B. **A História da Arquitetura.** Editora: Edições de Ouro, 1964.

CHARLESON A. W. **A Estrutura Aparente – Um Elemento de Composição em Arquitetura.** Porto Alegre, Bookman, 2009.

CHING, Francis D.K. **Arquitetura, forma, espaço e ordem.** São Paulo: M.Fontes, 1999.

CHIMENTHI, Beatriz. **O Jardim Sensorial e suas principais características.** Disponível em: <http://www.forumdaconstrucao.com.br/conteudo.php?a=16&Cod=130>. Acessado em: 13/05/2017 as 09:34.

CHOAY, Françoise. **O urbanismo - utopias e realidades: uma antologia.** 2a. ed. São Paulo. Editora Perspectiva, 2000.

CLUBE DE JARDINAGEM. Disponível em: <http://clubedejardinagem.com.br/index.php/jardinagem-paisagismo/33-os-esplendurosos-jardins-de-butchart>. Acessado em: 21/05/2107.

CONCRETA, Brasília. Disponível em: <http://brasiliaconcreta.com.br/>. Acessado em: 21/08/2016.

COLIN, Silvio. **Uma Introdução à Arquitetura.** Rio de Janeiro: UAPÊ, 2000.

DAHER, Rovenia de Oliveira. **Praça Sensorial – A valorização dos Sentidos no Espaço Público.** 2013.

DEL RIO, Vicente. *Introdução ao Desenho Urbano no Processo de Planejamento*. Editora Pini Ltda. São Paulo, 2001.

DIAS, Roberio. 2009. Disponível em: <http://sitioburlemarx.blogspot.com.br/2009/02/o-sitio-roberto-burle-marx.html>. Acessado em: 21/05/2017.

DIAS, Solange Irene Smolarek. *Apostila de Estudos: História da Arquitetura e do Urbanismo I*. Cascavel: CAUFAG, 2005.

DIAS, Solange Irene Smolarek. *Apostila de Estudos: História da Arquitetura e do Urbanismo II*. Cascavel: CAUFAG, 2008.1.

DIAS, Solange Irene Smolarek. **Apostila de Estudos: História da Arquitetura III**. Cascavel: CAUFAG, 2005.

Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/correlato/>. Acessado em: 20/05/2017.

DIVISARE. Disponível em: <https://divisare.com/projects/291040-roberto-burle-marx-filippo-poli-sitio-roberto-burle-marx>. Acessado em 13/05/2017 as 00:36.

FALCON BAUER, L. A. **Materiais de construção**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos, 1996.

FARRET, R. **O Espaço da Cidade**. Pró Editores, 1985.

FILHO, Duílio Battistoni. **Pequena História da Arte**. Campinas: Papirus, 2001.

FROTA, A. B. & SCHIFER, S. R. **Manual de Conforto Térmico**. Studio Nobel, 2006.

GAZETA DO POVO. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/haus/paisagismo-jardinagem/dia-nacional-do-paisagista-veja-jardins-incriveis/>. Acessado em 13/05/2017 as 01:27.

HAROUEL, J. L. **História do Urbanismo**. Editoria: Papirus, Campinas – SP, 1990.

IPHAN. Disponível em: [www.portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/399/](http://www.portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/399/). Acessado em: 13/05/2017 as 00:04.

LAKATOS, Maria Eva. Marconi, Maria de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo, Ed. Atlas 2003

LE CORBUSIER. **Planejamento Urbano**. Editora Perspectiva, São Paulo, 2000.

LIRA FILHO, José Augusto de. **Paisagismo: Princípios Básicos**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2001.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

MASCARÓ, Jean Luis. **Infra-estrutura da Paisagem**. Editora Masquatro. Porto Alegre, 2008.

MOLITERNO, Antonio. **Caderno de estruturas em alvenaria e concreto simples**. edgard blucher ltda, Sao Paulo, 2008.

NETTO, J. Teixeira Coelho. **A Construção no Sentido da Arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

OLIVEIRA, Adilson J. A. de. **As sensações e as Interpretações Humanas**. 2007. Disponível em: <http://pordentrodaciencia.blogspot.com.br/2007/12/as-sensaes-e-as-interpretaes-humanas.html>. Acessado em: 20/05/2017.

OLIVEIRA, Gabriela Dias de. **A Construção do Lugar e da Memória: A Praça da Liberdade e seu Prédio Rosa**. Disponível em: <http://www.mmgerdau.org.br/museu-expandido/a-construcao-do-lugar-e-da-memoria-a-praca-da-liberdade-e-o-seu-predio-rosa/#comment-178>. Acessado em: 12/05/2017 as 21:06.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso; ARAÚJO, Mônica Queiroz; ALCANTARA, Denise de. **Os Sentidos Humanos e a Construção do Lugar – Em busca do caminho do meio para o desenho universal**. 2005. Disponível em: [http://www.fau.ufrj.br/prolugar/assets/os\\_sentidos\\_humanos\\_safe.pdf](http://www.fau.ufrj.br/prolugar/assets/os_sentidos_humanos_safe.pdf). Acessado em: 20/05/2017.

ROBBA, Fabio. **Praças Brasileiras**. São Paulo 2002 Ed. Universidade de São Paulo.

ROMERO, Marta Adriana Bustos. **Arquitetura Bioclimática do Espaço Público**. Editora Universidade de Brasília, 2001.

ROMERO, Marta Adriana Bustos. **Princípios Bioclimáticos para o desenho urbano**. São Paulo: Proeditores, 2000.

SABOYA, Renato. **Kevin Lynch e a imagem da cidade**. Disponível em: <http://urbanidades.arq.br/2008/03/kevin-lynch-e-a-imagem-da-cidade/>. Acessado em: 11/05/2017 14:35.

SORIANO, Ana Gabriela Wanderley. **O espaço Público e a Cidade Contemporânea: as praças de Salvador entre o discurso e a intervenção** / Ana Gabriela Wanderley Soriano. Salvador: A. G. W. Soriano, 2006.

SOUZA, R. e MEKBEKIAN G. **Qualidade na Aquisição de Materiais e Execução de Obras**. São Paulo, Pini, 1996.

VALE, Eliane Pereira de Almeida. **Espaços Públicos: A produção e o uso da praça pública na cidade de Cândido Sales – BA**. 2009. Acessado em: 22/05/2017.

VEJA. **Cidade, mudança e transformação turística: Praça da Liberdade.** Disponível em: <http://vejabh.abril.com.br/materia/cidade/mudanca-informacao-turista-praca-liberdade/>. Acessado em: 12/05/2017 as 21:34.

YÁVAR, Javiera. Traduzido por Gabriel Pedrotti, 2015. **Arquitetura e Paisagem – padrões naturais e culturais projetados na praça Sowwah por Martha Schwartz.** Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/777399/arquitetura-e-paisagem-padroes-naturais-e-culturais-projetados-na-praca-sowwah-por-martha-schwartz>. Acessado em: 22/05/2017.

YÁVAR, Javiera. Traduzido por Murilo Arruda, 2013. Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/01-136768/sowwah-square-slash-goettsch-partners>

ZABOTTI, Ana. **Espaços Público e Identidade Urbana.** Disponível em: <http://www.atelierurbe.com/single-post/2016/07/19/Espa%C3%A7os-P%C3%BAblicos-e-Identidade-Urbana>. Acessado em: 11/05/2017 as 15:01.

ZEIN, Ruth Verde. **Rosa Kliass – Desenhando paisagens, moldando uma profissão.** São Paulo. Editora SENAC São Paulo, 2006.

ZEVI, Bruno. **Saber Ver A Arquitetura.** 5ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Imagens Jardins de Butchart disponíveis em: <https://minilua.com/os-esplendurosos-jardins-de-butchart/>. Acessado em: 13/05/2017.